

Campinas, afinada com o século

Série que começa a circular amanhã no *Correio Popular* revê a história e as transformações da cidade

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP

CMUHE013530

F.1

CAMPINAS, afinada com o século: série que começa a circular amanhã no *Correio Popular* revê a história e as transformações da cidade. *Correio Popular*, Campinas, 27 jan. 2000.



Campinas viveu intensamente o século 20, em afinação da sintonia com o processo histórico brasileiro.

A partir de amanhã, e em cinco cadernos semanais especiais (sempre às sextas-feiras), o *Correio Popular* e o *Diário do Povo* passam a publicar a série *Campinas Século XX - 100 Anos de História*, esperando explicar por que e como, afinal, a cidade assumiu o seu atual perfil.

Ao assinalar os principais fatos que pontilharam a vida de Campinas nos últimos cem anos, o jornal pretende, de maneira especial, render um tributo a todos os homens e mulheres que deram a sua contribuição, muitas vezes anônima, para construir uma cidade rica, com participação importante no PIB brasileiro, embora hoje machucada por todas as contradições típicas das grandes metrópoles.

1900-1999. Campinas escreveu nos últimos cem anos uma das mais belas e ricas páginas da história do Brasil no século 20. A trajetória da cidade nesse período foi um espelho perfeito da transformação do País de uma ex-colônia de atividades basicamente rurais para uma Nação com um importante parque agro-industrial, a decantada oitava economia do mundo dos discursos oficiais.

As enormes e radicais transformações no padrão populacional, da zona rural à explosão demográfica das grandes cidades. A transição da economia cafeeira para a implantação de um vigoroso pólo industrial e tecnológico. A reação a eventos capitais para o País e para o planeta, como as Revoluções de 1930 e 32, o Estado Novo, as duas guerras mundiais, o golpe militar de 1964 e a campanha pelas diretas-já.

CAMPINAS, afinada com o século: série que começa a circular amanhã no Correio Popular revê a história e as transformações da cidade. Correio Popular, Campinas, 27 jan. 2000.

1900

A cidade da esperança

Em 1900 o presidente da República era Manuel Ferraz de Campos Sales, filho de tradicional família campineira que havia sido vereador por duas vezes na cidade e que foi um dos idealizadores do Colégio Culto à Ciência, ao lado de outros membros da Loja Maçônica de Campinas. Naquele ano outro campineiro ilustre, Francisco Glicério de Cerqueira Leite, abria um escritório de advocacia no Rio de Janeiro, de onde sairia do ostracismo político para se tornar senador até sonhar em 1913 a uma candidatura à vice-presidência, na chapa de Rui Barbosa.

Enquanto os legítimos representantes da geração do café se destacavam no

cenário nacional, Campinas era em 1900 uma pacata província de 70 mil almas, que ainda lutava para se livrar do fantasma da febre amarela, a doença que havia devastado o núcleo urbano no final do século 19 e sepultado de vez o projeto da cidade de se tornar a capital do Estado de São Paulo. Os últimos casos de febre amarela em Campinas foram registrados em 1903, três anos depois que cientistas cubanos descobriram que a doença era transmitida por um mosquito, o *Aedes aegypti*.

Foi em 1900, no dia 8 de outubro, a fundação do Colégio Progresso Campineiro, instituição que reforçaria a tradição educacional de Campinas, que já vinha

contando desde o final do século 19 com as experiências dos Colégios Florence, Culto à Ciência e Internacional.

1900 foi também o ano da criação do "Comércio de Campinas", onde trabalharam profissionais que seriam depois os primeiros repórteres e redatores dos jornais que um século depois monopolizariam a imprensa local. É o caso especial de Álvaro Ribeiro, o político que se tornou um mito popular e foi o grande fundador do *Diário do Povo* e, depois, do *Correio Popular*.

Enquanto jornalistas e educadores idealistas planejavam o futuro, em 1900 cientistas do Instituto Agrônomo trabalhavam nas

pesquisas em algodão e outras espécies que evitariam a bancarrota da cidade quando vieram o crack da Bolsa de Nova York e a crise mundial do café, o ouro negro que havia liderado a construção de uma vigorosa economia em Campinas, à base do braço escravo e, depois, da mão-de-obra do colono europeu.

No ano que inaugurou o século de muitas conquistas tecnológicas e de várias ilusões perdidas, outros intelectuais iniciavam os debates que resultariam na criação, em 1901, do Centro de Ciências, Letras e Artes, a instituição que mais simbolizou a esperança de edificação de uma cidade culta, educada e orgulhosa de suas conquistas.

A cidade assustada

Muitos dos sonhos projetados na alvorada do século 20 tornaram-se realidade, e a Campinas de 1999 tem uma posição de destaque no panorama brasileiro, com sua renda per capita de US\$ 11 mil (o dobro da média nacional), as suas indústrias de tecnologia de ponta responsáveis pelo terceiro lugar do PIB brasileiro, as três Universidades (Unicamp, PUC-Campinas e UNIP) que todo ano formam milhares de jovens que serão responsáveis pela condução dos destinos do País em suas respectivas áreas de atuação.

Em 1999 Campinas é a quarta praça bancária do País, a cidade que tem belos shopping centers, importantes grupos de comunicação, a sede de uma das maiores companhias de energia do Brasil e de centros de pesquisa fundamentais para a criação de uma tecnologia nacional (CPqD, CTI, ITAL etc), e é o local onde foi instalado o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, a instituição que aponta para a Ciência do século 21.

A Campinas de 1999 é igualmente a cidade de instituições como o Centro Boldrini, o Centro Corsini, a Sobrapar, o Cândido Ferreira e outras que formam uma impressionante rede de solidariedade e que diariamente se empenham pelo resgate da dignidade perdida por todos os excluídos dos frutos do desenvolvimento. São organizações que estão na vanguarda internacional da guerra sem tréguas contra as moléstias sociais mas também contra as doenças concretas que mais assustaram a humanidade no século 20, como o câncer, os distúrbios mentais e, mais recentemente, a AIDS e suas novíssimas tragédias, que atingem especialmente os setores menos protegidos da população.

Sim, a rica e moderna

Campinas da ante-sala do novo milênio também é a cidade de um escandaloso contingente de pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza. São 300 mil, 30% da população, sendo 200 mil vivendo em favelas e ocupações, palcos principais da desnutrição, das múltiplas enfermidades e do desemprego.

A Campinas de 1999 é, então, um mosaico de situações e desafios. A cidade que tem um dos principais aeroportos internacionais do País, o de Viracopos, mas onde se desenrola uma interminável novela envolvendo perueiros e o defasado sistema de transporte coletivo, do qual dependem milhares de pessoas.

Nestes cem anos muita coisa mudou, embora na prática muita coisa tenha permanecido a mesma. Se neste século a cidade ganhou uma Orquestra Sinfônica de dimensão internacional, ela também assistiu à incrível demolição de dois imponentes teatros, o São Carlos e o Municipal, enquanto a demolição de um terceiro, o Castro Mendes, chegou a ser cogitada pela Prefeitura. Se nestes cem anos a Ponte Preta e o Guarani se tornaram dois nomes fundamentais na Pátria de chuteiras, foi essa mesma cidade que passou pela humilhação de não participar em 1998 dos Jogos Regionais e Abertos, duas das principais competições poliesportivas do País.

Mas é este amálgama de contradições que permite vislumbrar uma Campinas muito melhor para os seus moradores no século 21. O resgate dessa travessia secular pode fornecer as pistas que vão iluminar uma trajetória ainda mais brilhante no novo milênio. O **Correio Popular** e o *Diário do Povo* convidam os seus leitores a embarcar nessa fascinante aventura.